

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo
comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea que sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesie... in Christo Jesu.»

AD PHILIP. 13, 14.

SUMMARIO: — SECÇÃO DOCTRINAL: *A Milicia Christã* (XLIII) Deus, pelo rev.^{mo} sr. dr. José Rodrigues Cosgaya; — *A felicidade olympica*, pelo ex.^{mo} sr. Mendes Rosa. — SECÇÃO HISTORICA: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus*, pelo rev.^{mo} sr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz; — *A celebre Brites d'Almeida*, pelo ex.^{mo} sr. José Maria Guerreiro; — *Pintura*, pelo ex.^{mo} sr. Alves d'Almeida; — *Mar morto*, pelo ex.^{mo} sr. Alves d'Almeida; — *Musica*, pelo ex.^{mo} sr. Alves d'Almeida. — SECÇÃO CRITICA: *As formas de governo*, pelo ex.^{mo} sr. Placido do Vasconcellos Maia. — *Pensamentos*, pelo ex.^{mo} sr. Dom Antonio d'Almeida. SECÇÃO LITTERARIA: *O Nome de Maria*, pelo ex.^{mo} sr. Rangel de Quadros; — *A Caridade*, pelo ex.^{mo} sr. Alves d'Almeida; — *Perfil*, pelo ex.^{mo} sr. Alves d'Almeida; — *Esta soube*, pelo ex.^{mo} sr. Alves d'Almeida; — *O «Seminarista»*; — *A Irmã ds Caridade*; — *S. Camillo de Lellis*, pelo ex.^{mo} sr. J. P. Mineiro. — SECÇÃO ILUSTRADA: *Sagração de David*, — *S. Ulpiano, Martyr*: pela redacção. — RETROSPECTO: pela redacção.

Gravuras: *Sagração de David*; — *S. Ulpiano, Martyr*.



SAGRAÇÃO DE DAVID

d
s

SECÇÃO DOCTRINAL

Milicia Christã

XLIII

DEUS

O sol, a luz, o fogo, a mais alta elocubração, o verdadeiro numen, a mais doce inspiração, a ideia primordial do nosso entendimento.

Sem esse sol não alvorece o dia, é tudo noite; sem essa luz circundam-nos as trevas; sem esse fogo tiritam-se de frio; sem essa elocubração não se discorre; sem esse numen nada se vê claro; sem essa inspiração tudo é prosaico; sem essa ideia vive-se na ignorância.

Deus é o mais meigo sorrir, o afago mais terno, o mais doce encanto, a ternura mais insinuante, o amor mais santo para o coração humano.

Se Elle não nos sorri, tudo é triste, se não nos afaga, tudo para nós é medonho e repugnante. Sem esse encanto tudo se torna duro, sem essa ternura tudo é arido, sem esse divino amor o humano coração gela-se.

Deus, no entendimento sciencia, amor no coração, formosura na phantasia, é o que ninguém, a não ser Elle, pôde definir; porque, na perfeição absoluto, é luz mais clara que toda outra luz, amor mais amavel que todo outro amor, formosura mais formosa que toda outra formosura, sciencia mais clara, mais profunda e transcendente que toda outra sciencia, virtude mais especiosa que toda outra virtude, beneficencia mais benéfica que outra alguma, poder sobre todo o poder, justiça, que nunca quebra, ordem, que não se altera, luz, que nunca falta e ser todo essencia.

No entendimento do catholico, a ideia de Deus brilha mais que o sol, nos apparece além das estrellas mais sympathica e mysteriosa que a lua, mais profunda e magestosa que os mares, mais subtil que o ether e mais bella que as flôres, paira sobre toda outra ideia, e atraz de cada uma das outras nos apparece rutilante e bella, irradiando e formoseando os luminosos horizontes do intelligivel.

No coração do catholico o amor de Deus é, ou pelo menos deve ser, o principio vivificante de todo outro amor, a aurora das racionais delicias, o embalo mais terno, a caricia mais branda, a melodia, que encanta, a voz, que afaga, o perfume, que vivifica, doçura sempre doce, brandura, que nunca enfastia e amor sempre amavel, sempre santo, onde todo o bem se goza, onde o coração nada como em mar

de delicias, e onde se deseja submergir para todo sempre: porque elle é o unico amor que nosso coração enche.

Na phantasia a luz d'essa ideia, a mais luminosa entre todas as ideias, é a perenne aurora da celestial belleza, o alvorecer da sciencia, o berço, onde todo o bem se embala, o collo, onde a ventura dorme, o rosto, onde a esperança sorri, horizonte, onde nenhum mal penetra e todo o bem descança.

E' Deus a sabedoria suprema, o amor perfeito, a formosura absoluta.

Essa sabedoria irradia sobre todo o ser, esse amor todo o coração enche, essa formosura sobre toda a belleza paira.

A Deus o adoramos na Eucharestia, throno d'amor, onde escondido vive, para que os seus fulgores não nos assombrem, e nos possamos approximar da sua meza, para disfructarmos ali o amor mais terno, a delicia mais completa.

Na magestade dos astros, na immensidade dos mares, na impetuosidade da torrente, no trovão que ribomba e no raio, que fulmina, como omnipotente.

Nas fontes crystalinas, nos bosques seculares, nos amenos prados, nos fecundos campos, nas verdejantes hortas, nos pomares frondosos, nas ribanceiras lindas, nos jardins floridos, como providente.

Nos preceitos, que nos dá, como a Pae amante.

Na doutrina, que nos revelára, como a sabio mestre.

Nos sacramentos, que nos deu, como a medico sapientissimo e amante.

Em todos e em cada um dos seres nos apparece Deus omnipotente, Senhor absoluto e providente Pae, e, vendo o seu poder e as suas perfeições, o adoramos, e, confessando-nos a Elle devotores de quanto somos, temos e valemos, o amamos gratos, e, conhecendo as suas bondades e as suas promessas, descançam n'Elle as nossas mais risonhas esperanças. E' Deus a nossa sciencia e o nosso bem.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

A felicidade olympica

Quaerite ergo primum regnum Dei et justitiam ejus...

«Procurai pois principalmente o reino de Deus, e a sua justiça...»

S. MATH. cap. VI V. 33.

Não ha ninguém sobre a gleba esmagada pelo genero humano que não goste de ser feliz, que não se deseje a situação mais commoda possivel. E esse

gosto e esse desejo é tanto mais forte, tanto mais vehemente e soffregos quanto mais graduada é a bondade e excellencia do objecto cuja posse lhe afugentaria tudo o que actualmente o afflige, e mais poetica e elevada é a região d'onde, uma vez ahi installado, dominasse todos os males, todas as calamidades e tormentas de toda a especie que acabrunham o genero humano no periodo calamitoso que se chama vida sobre a terra.

Sendo assim, a Bemaventurança, a felicidade olympica é para aquelles que, educados desde o berço nos ensinamentos da religião christã, conservam a crença na vida eterna que o sopro mephistophelico da incredulidade ainda não conseguiu varrer de suas almas, o objectivo mais cravejado pelas balas candentes de nossas ardentes aspirações, porque, como o attesta a Revelação e a Razão de mãos dadas, é a que colloca o homem sobranceiro a todas as misérias da vida, a qual o torna para sempre ditoso no mais alto grau, dita que jorra a flux da presença de Deus que a alma, passada pelo crysol da vida humana, vê face a face n'esta região bella, sublime, poetica e transcendental onde se ouvem as harmonias inimitaveis dos anjos.

Mas evitára o homem constantemente os esforços para conseguir a sua entrada triumphal no Paraiso ceeste, o paiz da suprema ventura, por entre os cantos mellifluos com que os arjos festejam o ingresso d'aquelles que combateram denodadamente todos os erros, todos os vicios, n'uma palavra, tudo o que obstrue o caminho para o céu?

Nem sempre, infelizmente.

A consecução da felicidade exige um grande numero de sacrificios; exige que supportemos com resignação todas as privações e torturas com que Deus houver por bem ensinar-nos para acrisolar a nossa paciencia que nos falta perante os incommodos mais anodynos; exige que pratiquemos a virtude e fujamos do vicio; cumpramos os preceitos de Deus que, na qualidade de nosso Superior, nos pode impôr e ordenar que lhe obedecemos; e evitar as pastagens deleterias e exciaes que nutrem na seiva o bacillo da irreligiosidade com que extinguem a vida aos mais nobres sentimentos que vegetam no coração humano.

Ora, é isto o que milhares de vezes não succede.

O homem fragil como é, mas não tão fragil que com algum esforço não possa conquistar o auxilio que o ajuda a debellar a crise que em qualquer occasião o ameaco, deixa-se a cada passo arrastar pela vontade que, fechando muitas vezes os ouvidos aos gritos da razão, impelle-o energicamente para o

pomo prohibido que lhe carrega como castigo a companhia diabolica na esplanca esbraxada que constitue a habitação eterna dos anjos maus.

Depois de entrarmos na vida, na epocha em que o desenvolvimento da razão é tal que nos torna responsaveis pelos actos que praticamos, innumeraveis obstaculos se levantam a entupir a trajectoria que conduz á Terra da Promissão.

Em primeiro lugar, as paixões que, qual aquilão que, esfusiando pelas franças das arvores, se esforça por derribal-as em terra, empenham-se em varrer os sentimentos religiosos que caracterisam um homem de bem; e fazem-no commetter esse rosario de crimes que causam a perda do direito á Bemaventurança e lhe criam o remorso que lhe amargurará a existencia e lhe tornará mais dilacerantes os ult mos arrancos do coração, e que é como Alexandre Herculano o define pela bocca de Fr. Vasco, o ferro que nos rasga as entranhas sem tirar logo a vida; o olhar de Jesus ao receber o escudo de Judas e a voz no Josaphat que ha de dizer: — «ide, precitos.»

Em segundo lugar, os escandalos de toda a especie, os atavios d s objectos terrenos e immoraes que excitam as paixões e chamam o homem para a *fausse route* que leva ao abysmo infernal.

Esses atavios que para o verdadeiro philosopho não passam de attributos banaes, asquerosos e repugnantes dos objectos a que pertencem, parafusam os outros ás coisas terrenas em que só pensam, com detrimento da salvação, que é a perola mais diamantina que existe.

E' necessario, por isso, superar todos os obstaculos. Adquiramos em exercicios religiosos a fortaleza d'alma sufficiente para nos collocarmos superiores ás coisas do mundo e pensemos só na honra, na virtude e em tudo o que póde fazer do homem um heroe, um santo para, quando a harpa da vida deixar de vibrar, podermos partilhar da gloria dos anjos.

MENDES ROSA.

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

(Continuado da pag. 65)

CCLXXXI

P. Luiz Doucin

STRENUO apologista da doutrina catholica contra os erros de Jansenismo, que por muito tempo abalaram a

Egreja de França, o P. Luiz Doucin floresceu nos fins do seculo XVII e principios do seculo XVIII. Nasceu em Vernon (França) e morreu em Orleans, em 1726, sendo de avançada idade.

Distinguiu-se na Companhia de Jesus por seus vastos conhecimentos, por suas virtudes, por sua actividade e por seu zelo energico em combater os sectarios de todos os generos. Dedicou-se com especialidade a defender a Bulla *Unigenitus* que Clemente publicou contra o famoso jansenista Quesnel.

Este zelo deu causa a que o jesuita Doucin fosse perseguido pelo partido jansenista, bem como os seus confrades da França o foram por algum tempo. O mesmo Cardeal de Noailles, Arcebispo de Paris, apesar de não ser jansenista, foi seu adversario. O motivo foi o seguinte.

Appareceu em 1698 um opusculo intitulado *Problema ecclesiastico*, no qual era censurado o Arcebispo pelo seu procedimento ácerca do livro do jansenista Quesnel, cuja doutrina n'um tempo approvava, e n'outro condemnava. Era, com effeito, inexplicavel o diverso modo de obrar do Cardeal. Mas é sabido que elle se deixou dominar dos jansenistas; felizmente, retractou o seu erro antes do seu fallecimento em 1729.

Ora o livro *Problema ecclesiastico* foi attribuido aos jesuitas, e designadamente ao P. Luiz Doucin. Não era mais necessario para que fosse perseguida a Companhia de Jesus, pois que, segundo a logica dos seus inimigos, a falta commettida por um membro é attribuida a toda a Congregação!

E' certo, porém, e afinal ninguem d'isso duvidou, que aquella satyra não é obra de Doucin, nem de nenhum outro jesuita, mas d'um furioso jansenista por nome Theodorico Viaines, que escreveu varias obras contra a Bulla *Unigenitus* e contra os jesuitas.

Era tal a reputação d'este jesuita, que acompanhou o conde de Creci ao congresso de Ryswick, na Hollanda, celebrado a 20 de setembro de 1697. N'este congresso foi concluida a paz entre a França d'um lado, e a Hespanha, a Inglaterra e a Hollanda do outro. Houve varias conferencias a que assistiu o P. Doucin.

Durante este tempo o nosso jesuita, que nunca perdia o seu zelo em sustentar os principios religiosos, escreveu uma obra notavel a respeito do jansenismo na Hollanda.

Em Roma, onde esteve, enviado pelo Geral da Companhia de Jesus, ostentou com brilho a sua sciencia e coragem em combater os inimigos da Egreja Catholica.

Todas as suas obras são muito estimadas, porque, além de conterem sã

doutrina, são curiosas e cheias de boa critica.

CCLXXXII

P. Diogo Monteiro

A'cerca d'este famoso jesuita portuguez diz no seu *Mappa de Portugal* o insuspeito João Baptista de Castro:

«P. Diogo Monteiro, eborense, varão illustre da Companhia de Jesus, foi o primeiro que poz e reduziu a arte e preceitos as subtilidades da Mystica, em cuja sciencia foi extatico professor. Falleceu no anno de 1634, com opinião de santo.»

Depois de citado este testemunho nada haveria mais a acrescentar, porque João Baptista de Castro não morria de amores pela Companhia de Jesus, como se vê por varios logares da sua obra, pelo menos na segunda edição que publicou no tempo do Marquez de Pombal.

Apenas mais duas palavras sobre o jesuita Diogo Monteiro, citado com tanta honra por todos os auctores da theologia mystica.

Nasceu este insigne varão na cidade de Evora, no anno de 1588, e professou na Ordem de Santo Ignaci tendo 16 annos de idade. Ensinou rhetorica no Collegio de Coimbra, regeu o de Braga e foi provincial no de Lisboa.

O P. Diogo Monteiro teve todas as virtudes d'um religioso: assiduidade na oração e humildade. Morreu com fama de santo em Coimbra, a 27 de maio de 1634. Jorge Cardoso faz d'elle menção no seu *Agiologio Lusitano*.

Escreveu a *Arte de orar*, obra classica no seu genero.

(Continua.)

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

A celebre Brites d'Almeida

BRITES d'Almeida era oriunda de Faro.

Ha uma rua na cidade de Faro que tendo a denominação de rua da «Cordoaria» foi ha poucos annos chrismada em rua de Brites d'Almeida.

Não sabemos se foi n'essa rua que ella e seus paes moraram. O que sabemos ácerca da sua biographia é celebre.

Ella era d'alta estatura; tinha seis dedos em cada mão; rosto e mãos trigueiras. Logo que recebeu a herança de seus paes procurou mestres para se instruir no manejo da arma branca, conseguindo bom grau de perfeição. Indo residir para Loulé, n'essa terra teve conhecimento com um soldado que a pediu em casamento; propôz-lhe

a condição d'elle jogar a arma branca com ella; e ficando ella vencida casaria com elle, do contrario não.

Ella foi tão dextra que o matou.

E temendo Brites cahir nas garras da justiça, embarcou n'um barco para o estrangeiro. E como os nossos mares estavam invadidos de piratas inglezes, cujo trafico era escravatura branca, apressionaram Brites, conjunctamente com outros passageiros, os quaes foram vendidos na praça de Constantinopla.

Sendo Brites vendida, um turco levou a para sua casa. O senhor tinha um escravo hespanhol. Brites associou-se com elle, tendo antecipadamente afretado um barco.

Uma bella noite deram ás de Villa Diogo, indo o hespanhol para Hespanha e ella para Lisboa.

Ora como as auctoridades respectivas tivessem conhecimento dos signaes caracteristicos d'ella, prenderam-n'a e foi responder, tendo por sentença o degredo, não sabemos porque tempo, para Aljubarrota.

E que modo de vida havia Brites de adoptar? Ser forneira d'um forno de pão, cujo dono do forno era casado.

Morrendo a mulher d'elle, este casou com Brites.

Ora depois da restauração de Portugal em 1640, tendo os hespanhoes sido expulsos valorosamente, como se lê nos annaes da nossa historia, ainda depois intentaram evadir Portugal.

Pretendendo tomar o forte da Graça, foram ahí derrotados. Nas proximidades do forte, ao poente, lá está um monumento de eterna memoria, narrando o modo porque foram derrotados, cuja narração fiel houve do doutor Antonio Simões de Carvalho Barbas, meu bom amigo, distincto professor de musica em Coimbra. Eil-a: O padrão proximo ao forte da Graça para o lado do poente diz o seguinte:

«Inscrição do monumento da batalha das linhas d'Elvas no anno de 1659, reinando em Portugal D. Affonso VI, em terça-feira, 14 de janeiro, do mesmo anno, D. Antonio Luiz de Menezes, marquez de Marialva, capitão-general d'esta provincia do Alentejo, introduziu soccorro na praça e cidade d'Elvas, que estava sitiada por D. Luiz de Haro, capitão-general da Extremadura, primeiro ministro d'El-rei Philippe, o quarto, atacando, rompendo, desmantelando e ganbando a circunvalação inimiga, artilheria, bagagens, munições e secretaria, tomando muitos cabos e prisioneiros. Esta memoria se poz para que os mortaes dêem graças ao Senhor das Victorias e Exercitos, roguem pelas almas dos que se acharam e deram as vidas em tão singular e porfiada batalha, que durou das nove horas da manhã até cerrar a noite.»

Ainda mais: com a louca ideia de se apossarem pouco a pouco de Portugal, invadiram a villa de Aljubarrota. Foram ao forno da nossa heroína para que lhes dêsse o pão que elles queriam, insultando-a com improprios.

Ella sem mais delongas pegou na pá e deitou por terra sete, e os restantes, amedrontados, aterrorisaram a cohorte, tocando a rebate, armando-se o povo e assim os pozeram em debandada, refugiando-se em Hespanha.

Se outr'ora no cerco de Diu, a celebre Isabel Fernandes, ministrando lanças, pelouros, panellas de polvora e com a palavra animou seus filhos ao combate contra os mouros, fez muito, Brites com o seu braço potente fez mais! Se Philippa de Vilhena, armando seus filhos lhes disse: ide, meus filhos, salvar a patria, que está em perigo e precisa de vós, fez muito, Brites fez mais. Desapparecendo a nossa heroína da face da terra, a sua pá foi archivada na camara d'aquella villa. E quando qualquer pessoa real portugueza passava proçissionalmente junto da camara, esta procurava uma mulher honesta e bem vestida, e colloca a a uma janella com a pá na mão, representando Brites.

Em vista, pois, do que temos dito ácerca da nossa biographada, cumprenos dizer mais, que ainda que a terra consumma de todo os seus repassados ossos, jámais fará esquecer da memoria os seus valorosos serviços á patria.

Congratulemo-nos, pois, compatriçianos, por sermos tambem oriundos d'esta cidade de Faro que foi seu berço.

E' este o tributo que nos cumpre render ás cinzas da nossa heroína.

JOSÉ MARIA GUERREIRO.

Pintura

(AO EX.^{mo} SNR. C. BAGUÉ REBOCHO)

A ARTE de pintar, como é sabido, é entre todas as artes a mais apreciada: senão veja-se:

Entre os athenienses, tudo aprendia a debuxar nos seus primeiros annos; entre os gregos e latinos, os mais illustres, não só faziam uso d'esta arte, mas até lhe tomavam n'o nome; e entre os romanos não era permittido o seu exercicio senão aos nobres, sendo que os transgressores d'esta *justa lei* eram punidos severamente; isto é, dizia adeus á vida, que era o *severo* de aquelles tempos.

Que se diria d'um governo que hoje promulgasse uma *lei d'estas*? E cmtudo outras semelhantes se promulgam,

sem que ninguem dê por ellas. Mas vamos adiante.

Parece que a ideia da *pintura* foi suggerida pela sombra do homem, e que a bella descoberta pertence aos *corinthios*, sendo que depois d'estes foram n'os *egyptios* os que primeiro debuxaram no corpo humano com linhas mais ou menos regulares; que *Telephanes* os continuou a imitar sem côres; que *Chuphato* os foi proseguindo; que *Apollodoro* inventou o pincel, até que, depois de muito trabalho, *Cumaro Atheniense* conseguiu distinguir a mulher do homem, e *Cleonio* fazer imagens, variar semblantes, articular musculos, inchar veias, tropizar vestes, etc., etc.

Depois d'estes foi *Polygnoto* o primeiro que pintou mulheres em trajos de gala, abrindo bocca e descobrindo dentes, até que finalmente, a arte se foi generalizando, e cada qual tinha a sua especialidade, como se vae vêr:

A de *Zeuxis*, eram fructas; a de *Parrhazio*, alphayas; a de *Apelles*, retratos; a de *Amphião*, boa disposição; a de *Aristides*, expressão de affecto; a de *Asckpiodoro*, boas proporções; a de *Persico*, irracionaes; a de *Ardeias*, paisagens; a de *Pauzianes*, rapazes; a de *Euphranores*, heroes; a de *Niceias*, mulheres; a de *Turpilio*, figuras pequenas; a de *Eutichides*, carros; a de *Protogenes*, aves, etc., etc., sendo que alguns d'estes chegaram a tocar as raias da perfeição, como se vê dos tres seguintes casos:

Leze e *Persico*, foram tão perfeitos nos seus animaes, que as aves do céu, cujo canto interrompia o *precioso somno* de Lepido, emudeciam ao verem n'o *dragão* do Triumvirato; *Zeuxis*, nas suas fructas, que fazia baixar os passaros a picar-lhe as suas uvas; *Parrhazio*, nas suas roupas, que o proprio *Zeuxis*, ao ver-lhe uma toalha, foi para a levantar, cuidando que ella occultava o quadro que lhe queriam mostrar!

Quanto ao apreço em que esta arte era tida por todos, basta dizer-se que, podendo Demetrio ter abrazado Rhodes, o não fez por não queimar um retrato de Baccho, — obra de *Protogenes*, — que alli se achava. E para se vêr o gosto d'aquelles tempos, basta saber-se que Candal, rei da Grecia, comprou um quadro de *Aristides* por 100 talentos d'ouro, ou perto de 72 contos de reis; que Attalo comprou outro de *Bularco* por igual quantia; que Cesar Dictador avaliou a *Medeia* de *Timonaco* em 80 talentos, ou cerca de 55 contos e 600 mil reis, e que os *Argonautas* de *Clycias* foram vendidos a Hortencio Orador por 150 talentos, ou perto de 108 contos de reis!

Isto é que é gosto! Bons pintores ainda os ha, mas os hemens apreciadores... foram-se!

Quem é que hoje daria 100 contos de reis por um quadro de qualquer Apelles ou Zeuxis, Clycias ou Parrhazio d'agora?

Ninguem, porque o bom gosto morreu, deixando em seu lugar a devorante sede d'oiro que por toda a parte actua, por mais sujo e torpe que elle seja!

Hoje em dia o que se quer é dinheiro, venha lá como vier! E com muita razão; porque o dinheiro é o tudo da epocha, e o muito dinheiro tem conseguido sempre, — e conseguirá já agora, — livrar os seus possuidores da thezoura da bella *Atropos*, para que seus ricos ossos não caiam no pó d'uma glaciêra valla sepulchral, onde, se o não tivessem *in magna quantitat*, certamente se iriam confundir com os do pobre vulgo *sem vintem*, o que era um *desapontamento* para a familia, como dizem os espirituosos do seculo.

Eia pois, famintos d'oiro, ao dinheiro! Ao dinheiro, exploradores de tudo! Ao dinheiro, grandes vandalos de moral e do bom saber, porque o *dinheiro é tudo!*... E nada de *pensar na morte*, porque quem medita n'ella a sério, para logo perde o gosto das riquezas e vaidades humanas, o que não convém aos orgulhosos do seu *pouco ou nada*, nem aos aurimaniacos, nem aos *apassionados servos* da Volupia!

E quando um dia a gelida parca, apesar do *grrrande respeito que sempre tem guardado aos ricos*, por acaso se atreva a visitar-vos o *rico leito*, bem vêdes que tendes o direito de ser obedecidos. E' chamar os vossos creados, e dizer-lhes com essa tão insolita como insolente arrogancia que vos é peculiar:

— Agarrae-lhe pelos cabellos, e ponde m'a lá fóra!

E se elles vos perguntarem a quem, vós lh'a apontareis *rabiosos*, dizendo:

— A essa *ignobil coruja dos sepulchros*, já que não sabe respeitar o meu dinheiro, que tudo tem podido e poderá sempre; porque o dinheiro é tudo! E dadas que sejam estas *terminantes ordens*, a *importuna voz* deixará na doce paz das vossas eternas riquezas e vaidades!

Mas não, isto nunca succederá; porque D. *Atropos* não visita os ricos... nem mesmo essa infinita camandula de semi-ricos tão pedantes como orgulhosos, tão intrujões como pedaços d'anos, que em tudo se dão a conhecer!

E ponto. Terminamos por pedir desculpa do nosso desvio aos leitores que, ao verem a *epigraphe* do nosso humilde escripto, nunca esperaram por um tal fim; mas... não está mais nas nossas mãos, porque umas pucham as outras, e nós não podemos resistir ao ensejo.

ALVES D'ALMEIDA.

Arte de escrever

COMO se não pôde saber ao certo quem foi o primeiro inventor da escripta, contentar-nos-hemos com saber o que sobre o assumpto dizem alguns escriptores da antiguidade:

Josephus Hebreu, diz que a arte de escrever começou logo entre os netos de Adão, filhos de Seth, contando-nos, para o provar, que elles fizeram duas columnas, uma de pedra, outra de ladrilho, onde deixaram commemoradas todas as artes do seu tempo, afirmando ainda ter visto na Syria uma das supradictas columnas.

Phylo Hebreu, quer que Abrahão fosse o primeiro inventor das letras; *Artabano*, que Moysés as levasse aos egypcios; *Strabo*, que antes de Moysés se fizesse uso d'ellas na nossa peninsula; *Origenes*, que *Henoch* deixasse já escriptos alguns livros propheticos; de maneira que são quasi tantas as opiniões, como os auctores; e por isso vamos concluir com o seguinte periodo:

Dizem alguns que a *Menona* pertence a grande invenção; outros que a *Prometheu*; e que, tendo-a *Demerato* aprendido d'algum d'estes, a levára á Hetrura, assim como *Hercules* á Phrygia; *Izis*, ao Egypto; *Radamantho*, á Assyria; *Abrahão*, á Chaldea; *Guizila*, a Getta; *Saturno*, á Lacia, etc., etc.

E dito isto, vamos ao papel, apesar de ser coisa que todos sabem: Nos primeiros seculos escrevia-se em folhas de palma; depois em cascas d'arvore, e mais tarde em laminas de chumbo muito delgadinhas, assim como n'umas hervas de folha larga que ainda hoje abundam nos famigerados lagos do Nilo e do Euphrates, chamadas *papyrus*, que em latim quer dizer *papel*, sendo que antes da invenção d'este, se escrevia em *pergaminhos*, que eram pelles de ovelha para isso preparadas.

ALVES D'ALMEIDA.

Mar morto

A descrença

ONDE virá a origem do nome d'este mar? dirão muitos, e de quando datará elle? concluirão ainda outros.

Vamos dizel-o aos que o não souberem, porque nem todos sabem tudo: A sua antiguidade data do celebre desaparecimento de Sodoma, Adama, Seboim, Gomorrha e Segor, que, segundo *Josephus*, — para os que duvidarem da Historia Mãe, — por elle foram submergidas em seguida ao diluvio de

fogo que as debrazou; e a origem do seu nome de *Morto*, deu-se por a experiencia haver mostrado não conservar dentro coisa viva ou animada, como vamos provar historicamente no seguinte periodo. Senão veja-se:

Davidando Vespasiano do que ouvia, quiz um dia certificar-se da verdade, e para isso mandou atar as pernas e as mãos a dous criminosos, fazendo-os depois lançar d'alto sobre este mar, pensando que elles iriam ao fundo como duas settas; porém, vendo que os dois, ao bater n'agua, saltaram para cima como bolas de borracha atiradas sobre uma calçada, exclamou convicto: «Ou Deus é Deus, ou este mar não é mar!»

E vendo que lançando se-lhe dentro qualquer animal morto, para logo o recebia, sendo que até uma candeia apagada se ia ao fundo, e que acceza nadava, concluiu: «Temos visto: Eis aqui o Mar Morto!»

Mais uma propriedade d'este mar, para concluirmos: Diz o mesmo *Josephus* na sua *Antiguidade*, aonde conta que vira a estatua em que a mulher de Loth fóra convertida, que uma pedra boia sobre elle, ao passo que um pedaço de cortiça se vae ao fundo.

Finalmente, n'este mar não ha coisa viva, sendo que até os fructos das arvores circumvisinhas, são bonitos por fóra, e por dentro come carvão desfeito.

Ha Deus ou não ha Deus? Assim como os povos das cinco cidades sepultas pelo Mar Morto obravam contra-natura, assim tambem as suas agnas operam contra-natura, para que o mundo, sempre incredulo e mau, veja o seu Creador no irrefragavel testemunho do terrivel e pavoroso successo de ha talvez perto de quatro mil annos!

Pensae bem n'isto, pequenos Voltaires, e vereis que ha Deus! E vós, ó rico e tenaz descrido, que um dia haveis de deixar esse oiros que adoraes, se duvidaes ide lá ver, e voltareis convicto como Vespaziano!

ALVES D'ALMEIDA.

Musica

(Ao Ex.^{mo} SNR. J. BAGUÉ REBOCHO)

Diz a Historia de Moysés que Jubal fóra o pae dos que tocaram cithara e orgão: logo, parece que Jubal foi o inventor da muzica terrena.

Depois d'este é *Pythagoras* que, ouvindo a differença de sons que havia nos martellos d'uns ferreiros, ou discipulos de Thubalcaim, neto de Mathuzalem, compõe vozes que augmenta e dilata, como tambem fizeram *Zetto*,

Amphião, Orpheu, Centauro, etc.; porém, o primeiro que escreveu musica, se não foi *Lasso Herminio*, foi *Aristoceno Terencio*, ou *Aristoceno Grego*.

Depois d'estes, outros muitos fizeram progressos na arte; mas, como só queremos dizer quem foram os primeiros inventores, terminaremos por significar aos nossos leitores que mais tarde foram, — não diremos celebres, como alguém quer, — mas bons musicos: *Eunomyo*, entre os lucrenses; *Hyporcheu*, entre os gregos; *Aristo*, entre os athenienses.

E dito isto, seja-nos permittido fazer uma pergunta, ainda que pouco a proposito venha: Qual é a melhor musica, a que mais convém ás massas populares? A *triste*, ou quando menos, *triste-alegre*; porque esta musica eleva o espirito ao céo, ao passo que a *só alegre* a cose á terra.

Ha peças de musica que, *por um lado* produzem lindos *efeitos momentaneos*, mas que por outro... sim por outro, poucos ha mais desgraçados; porque são capazes de arrastar um santo ao charco da maior loucura!

Para nós não ha musica mais agra-davel do que a plangente, aquella que nos faz vibrar as cordas da alma n'uma doce e dolorosa contemplação que nos transporta ás regiões ethereas e lá parece então dizer-nos:

«Como a terra é pequenina, e como o céo é grande! Não vês lá em cima o magestoso throno de Jehovah? Grande coisa é a vida eterna!»

E tal dizendo, vagando sempre na amplidão dos céos, parece sempre ac-crescentar:

«Meu filho, ama a Deus, que Deus é grande! E não te esqueças d'isto, porque Deus é tudo!»

A musica é bella; mas quanto mais plangente, mais angelica!

ALVES D'ALMEIDA.

SECÇÃO CRITICA

As formas de governo

NEMOS, por muitas vezes, mostrado que as formas de governo nada influem no bom ou mau regimen social, o qual depende unicamente das leis justas e sabias e das virtudes e saber dos homens que estão ao leme da nau do Estado. Temo igualmente mostrado que existe um unico meio salutar e eficaz para a reforma das sociedades quando decahidas e soffredoras, pela corrupção dos costumes e pelas paixões e vicios inherentes á natureza humana; consiste elle em voltar ás

praticas dos tempos de prosperidade e imitar os modelos d'actualidade, que-remos dizer os governos dos povos mais prosperos d'actualidade. São estas as conclusões a que chega a sciencia sociologica, a verdadeira sciencia, é necessario que se note!

Logo, todo esse palavriado chouchou, que enche as gazetas revolucio-narias, tendente a querer impingir-nos a republica como meio de salvação e regeneração social do nosso paiz, não tem a menor razão de ser; antes pelo contrario, é contraproducente, pois que a tal republica aggravaria enormemente os males presentes, precipitando a ruina completa da nação por meio da anarchia, que seria a consequencia necessaria do estabelecimento de tal regimen entre nós.

E' claro que a revolução é já por si um crime gravissimo; é um attentado monstruoso contra as leis divinas e humanas e contra todas as tradições do genero humano; e como d'um principio falso não se podem deduzir consequencias verdadeiras, tambem d'um facto criminoso não podem resultar consequencias conformes com a Lei de Deus, que é o unico criterio infallivel ao alcance da razão humana. Querer salvar dos perigos presentes a sociedade portugueza, por meio d'uma revolução, equivaleria a fazer saltar, por meio d'um tropedo, o navio que, assaltado por uma tempestade no alto mar, tinha recebido alguns damnos nos seus aparelhos, no seu machinismo ou no seu casco, que o prejudiquem na sua regular navegação, mas que possam ser reparados sem graves riscos para a sua tripulação e para a conservação do navio, no primeiro ponto em que entrar. Que se diria de quem tal praticasse? Dir-se-hia que estava doido varrido! Com effeito, quem tem á sua disposição um meio de salvação seguro, ainda que com imposição de certos sacrificios, se vae lançar ao acaso n'uma aventura cujas consequencias se não podem medir nem avaliar, dá, pelo menos, provas de imprudencia. Não diz o adagio popular, mais vale um anno á ponte do que nunca a casa?

Quero atravessar um rio, por exemplo, o rio leva uma cheia medonha, ar-rasta nas suas ondas alterosas e barrentas troncos d'arvores, destroços de toda a especie, que tornam a sua travessia perigosissima, quasi impossivel; mas, distante alguns kilometros existe uma ponte de cantaria, que dá todas as garantias de segurança ao viandante: perguntamos qual será o meio mais prudente e mais sabio para atravessar o rio? Será arriscar a travessia em um fragil baixel, evitando assim o inconveniente e o sacrificio de percorrer os poucos kilometros a que dista a

ponte; ou sujeitar-se a todos estes inconvenientes para não arriscar a vida a uma morte quasi certa? Parece-nos que não haverá duas opiniões a este respeito. Estamos justamente no nosso caso.

A nau do Estado, ha muitos annos, lucta com ondas alterosas e com ventos travessios do quadrante revolucio-nario da França; encontra-se com o fundo sujo, com alguns damnos no casco, nos aparelhos, na mastreação, etc., resultado da impericia e descuidos dos varios timoneiros que a tem dirigido.

Tudo isto concorre para que ella não navegue com tanta presteza e segurança como nos tempos em que se encontrava em bom estado de conservação e guiada pelos pulsos fortes dos antigos nautas portuguezes; mas as condições geraes da sua actual existencia ainda offerecem garantias de segurança e de bom serviço, necessitando apenas de alguns pequenos reparos e uma limpeza completa de todas essas immundicies que lhes estorvam o seu regular andamento, entregando-se ou confiando-se a sua direcção a homens virtuosos, sabies, prudentes, tementes a Deus, de crenças e fé vivas. Agora pretender destruil-a, deixando a sociedade portugueza entregue ás ondas revolucionarias e a todas as contingencias do incognito, é a maior de todas as loucuras.

PLACIDO DE VASCONCELLOS MALA.

Pensamentos

O CONSELHO municipal de Brescia decidiu entregar o ensino religioso nas escholhas elementares de todo o municipio a sacerdotes, conforme os desejos de todas as familias; este optimo resultado é filho da deliberação tomada pelos eleitores catholicos de irem á urna em vez de se deixarem ficar em casa.

E' certo, que nos diferentes paizes e diremos mesmo nas diferentes localidades onde a boa gente se activa, ganha. E' provado que ha tanta demoralisação a sociedade, que esta é tida por corrupta e podre, mas ainda assim ha um numero de homens bastante para restaurar a sociedade uma vez que os alludidos se resolvam a pôr em acção toda a sua actividade no serviço da causa de Deus.

Ha quem só faça argumento com o numero; quantas vezes este tem sido vencido e ainda o será! o numero considerado em si é material, mas para os homens o que mais vale é o moral.

David com uma funda e cinco pedras venceu o gigante Goliath que fi-

cou morto e dispersos em derrota seus soldados.

Com os milhões de soldados e *krupps* de agora não poderia ser ganha maior victoria!

A inacção e a irresolução prestam serviços á má causa quando se deixa de operar conforme ordenam os dictames da justiça; a abstenção póde ser justa se deixamos de praticar o que nos é prohibido; ha virtude por acção; e ha virtude por omissão, ou porque não fazemos o que nos não é permittido.

Não ha nada mais suave que a lei de Deus. O proprio Deus o diz: *Jugum meum suave est, et onus meum leve!* O meu jugo é suave e o meu peso leve! Nós bemdizemos o trabalho depois do qual e por força do qual gozamos alguma vantagem, dizemos: bem empregado tempo!

Não podemos dizer menos quando observamos o que positivamente nos é ordenado por Deus e de onde depende nossa felicidade eterna! Os homens devem procurar fazer se no bem e assim se tornarão fortes para as luctas na vida temporal que lhes preparam a corôa immorredoura! Os homens assim, d'este estofo, acham-se superiores a si proprio e a tudo que os rodeia preparado pelo mundo dos enganos.

Falla-se da independencia de caracter e simplicidade de vida de certos philosophos da antiguidade; não lhes neguemos seu valor.

Mas que differença entre estes aquelles que a Igreja de Deus nos apresenta como exemplos! Nos alludidos primeiramente podemos vêr um *Humanum* sublimado; nos alludidos depois vemos um *Humanum* christianisado; a differença é immensa! Os exemplares do catholicismo são os homens por excellencia, ninguem é capaz de lhes pôr o pé adiante, como se diz em phrase familiar.

A fé catholica faz sãs e polidas até ao maximo as almas, não lhes consente mancha de especie alguma; e se no homem apparece algum enfraquecimento de prompto lhe ministra o remedio de cura infallivel e assim restabelecido.

Em Siracusa morreu, levou a Satanaz, a unica Loja Maçonica que lá existia; bem hajam os siracusanos! *Dáto, sed non concessio*, que a Maçonaria conseguisse vencer a Igreja de Deus, o que daria ella á sociedade para seu guia?... o cahos! Só por obsecção, e ainda concederemos por ignorancia, se póde duvidar da indole exclusivamente maligna da maçonaria.

Lucifer tem a maçonaria como sua couraça impenetravel, mas elle, embora Lucifer, é tolo, pois que se propõe áquillo que sabe não poder.

Impenetravel é a Igreja de Deus, não é impenetravel a Maçonaria!

DOM ANTONIO DE ALMEIDA.

SECÇÃO LITTERARIA

O Nome de Maria

(INEDITA)

I

Muitos nomes poesia podem ao vate inspirar.
—Mas ao nome de Maria qual se pó lo comparar? —

Porque tem grata virtude,
tem o perfume da flôr,
sempre o canta no alaude
o mimoso trovador.

E o trovador exaltando
o nome de quem amou,
como um segredo guardando,
Só — Maria — lhe chamou!

Quem uma donzella ama,
sem d'ella o nome saber,
— Maria — ás vezes lhe chama
Com bem intimo prazer!

II

D'onde vem a sympathia,
quo os crentes e os bardos tem
pelo nome de Maria,
nome, que eu amo tambem?

Por ser o nome d'Aquella
Virgem, Mão do Creador;
Astro a brilhar na procella,
Terna mãe do peccador.

Sempre o nome de Maria
aos crentes grato será.
A mais intima alegria
ao coração lhes dará.

O desditoso, que geme,
alivio n'elle encontrou.
E sómente o impio treme,
quando tal nome escutou!

Este nome diz-nos — graça. —
Diz — compaixão; diz — amor.
Rosas e cantos onçaça,
Que vão aos pés do Senhor.

III

Póde esse nome aos afflictos
as tristezas minorar.
Terno perdão aos constrictos
tambem póde assegurar!

Tambem nos recorda a estrella,
tão formosa da manhã
E todos gostam de vol-a
Pela tarde mais louça.

Falla aos nautas de bonança
no mais horrido escarceu.
Aos tristes diz — Esperança —
aos crentes falla do Céu!

Póde o nome de Maria
lembrar a todo o christão
uma celesto harmonia
e do *mar vasta amplidão*.

Dá-me sorrisos nos prantos
tal nome, se o invoquei.
A elle os meus rudes cantos
com prazer dedicarei.

Aveiro

RANSEL DE QUARROS.

A Caridade

DO HISPANO

Ha uma deusa de cabello loiro...
Tão alva a fronte como a neve pura,
Que sobre a terra, aureolada d'oiro,
Ao mundo inspira celical ternura.

Seu doce accento tal brandura encerra,
Que ao torpe avaro doma o ser ferino:
Do ceu baixara para amar na terra,
E amando exerce seu mister divino...

Est'alma graça que sorri mimosa
Ao ver da terra o doloroso pranto...
Do ceu descera, angeical, bondosa,
A mitigal-o .. com seu terno encanto! ..

Ella entra alegre na mansão do pobre,
Que rindo geme na fatal miséria;
Mitiga a dôr que terna mãe descobre,
E anima a todos com bondade etherea!

Ao seio acolhe, em santo affecto accessa,
O tenro infante, cuja mãe impia
A' rua atrá... por manter-se illesa,
Embora atada a bacchanal orgia!...

Ella se encontra na cruenta lucta
Aonde impera a mais cruel vingança,
Levado ás presas da manobra astuta
Almo conforto, carinhosa esperança...

Ella é a vida do que rindo, chora,
Guardada, amparo dos que choram rindo;
Ella é a graça que o soffrer minora
A todo aquelle que sorri... carpindo!

O' doce virgem, seductora diva,
Aonde fulge o teu benigno manto...
Lá brota a fé que ao coração captiva,
E ao mundo enxuga o doloroso pranto!

Eu te bemdigo, Caridade amiga,
Bondosa graça de eternal candura:
Ao teu officio o canto meu instiga,
Comtigo quero remontar-me á altura!

ALVES D'ALMEIDA.

PERFIL

AO MEU PARTICULAR AMIGO J. LOPES

Senhor de bom intellecto,
Debaixo surgiu ovante;
E como rapaz discreto,
Lá vae indo sempre avante,

E se a vida lhe durar,
Eu creio que fará mais
Do que outros entre o brilhar
Das grandezas de seus paes.

Donairoso, prasenteiro,
Modesto, do fino trato...
Mais serio que galhofoiro,
Eil-o joven que retrato.

ALVES D'ALMEIDA.

ESTA SOUBE

A'S LOUCAS

Eil-a mulher mais feliz
Que fazer pode o acaso:
Mulher d'um soldado raso,
E da Russia imperatriz.

Casa pola voz primeira
Com um sueco soldado,
Que em breve vé sepultado
Com outra gente guerreira.

Com um russo general
Casa pela vez segunda,
Que em batalha furibunda
Perce do mesmo mal...

Mas eis que pela terceira
Em Menzicoff acha dono,
Principe que a leva ao throno
E faz... Cath'rina Primeira!

ALVES D'ALMEIDA.

O "Seminarista,"

I

ERA profunda a indignação de que estava possuída a officialidade do regimento X, de guarnição em Madrid ao começar o anno de 1807.

A causa da irritação d'aquelles valentes officiaes não podia ser pueril. Teve sua origem n'uma disputa particular de certo official do regimento de X. com outro do regimento Z. sobre a historia militar de ambos os regimentos e terminou por uma rivalidade dos dois corpos, que ameaçava por momentos converter-se em uma questão de ordem publica.

A officialidade do regimento de X., para dirimir a contenda, resolveu sortear entre todos um dos seus membros para que em seu nome fosse desafiar em duello o official do regimento Z. designado pelos seus companheiros, quando um dos officiaes, o tenente Salazar, joven de dezenove annos, de bella apparoncia e de aspecto modesto,

disse, no meio da surpresa e da admiração de todos:

—Peço para não entrar n'esse sorteio.

—Porque razão?—perguntou o capitão Mascaraque, que presidia á sessão.

—Porque as minhas crengas impedem-me de praticar um acto contrario ás leis divinas, e a minha condição de fiel subdito do rei nosso amo me prohibe infringir a pragmatica do snr. D. Fernando VI, que declara infames e reus de morte aos que se batem em duello.

—Isso é cobardia!—gritaram varios officiaes, lançando ferozes olhares para o tenente Salazar.

—Pelo menos—acrescentou em tom severo o capitão Mascaraque—é falta de lealdade.

—Nem uma nem outra coisa—respondou modestamente, mas com firmeza, o tenente Salazar.—Estou disposto a dar a ultima gotta do meu sangue por Deus, pela patria e pelo rei, mas nunca, emquanto a graça divina me proteja, desembainharei a espada para me bater em duello.

—Desculpas, subterfugios!—gritaram alguns officiaes.

—Que seja julgado por um tribunal de honra!—vociferaram outros.

—Que seja expulso do regimento e do exercito—clamaram todos.

E effectivamente, os irritados officiaes do regimento de X. constituiram-se em tribunal de honra para julgar o tenente Salazar, que o declarou indigno de pertencer ao regimento. A sentença foi participada aos demais corpos da guarnição, que *nemine discrepante* resolveram que o tenente Salazar não devia continuar a seguir a carreira militar.

E este, obrigado pela dupla sentença dos seus companheiros do regimento e da officialidade de toda a guarnição, teve que sollicitar a reforma, consolado pelo sentimento da força da sua razão, mas condemnado pela razão da força ou pela lei das maiorias, que d'este modo começou a fazer das suas na pobre e infeliz Hespanha.

II

São passados dois annos; as tropas invasoras do exercito napoleónico dominam em quasi toda a peninsula. Em toda a parte se lucha pela causa da Religião e da Patria, e todos os homens capazes de empunhar as armas batiam-se desesperadamente para expulsar de Hespanha os seus crueis inimigos.

O regimento de X. não foi dos que ficaram na rectaguarda da peleja. Algumas vezes vencedor, vencido outras,

mas sempre guerreando, havia chegado ao anno de 1809, com muitas baixas nas suas fileiras, mas sempre disposto a sacrificar até o ultimo de seus soldados para ficar com a honra da sua bandeira incolume.

O capitão Mascaraque, que ol teve a patente de coronel, á frente dos seus soldados, caminhava pelas planicies de la Mancha, quando viu vir sobre elle dois regimentos de cavallaria franceza, que ao reparar no pequeno numero das forças hespanholas, e aproveitando se das facilidades do terreno, apressaram-se a exterminar-as, carregando a fundo sobre ellas.

Mascaraque mandou formar o quadrado aos seus soldados, que com a impavidez e serenidade que tão merecido renome deram á infantaria hespanhola, resistiram a seis formidaveis cargas, e talvez dessem cabo dos seus inimigos, se uma divisão franceza que ha dois dias andava na piugada do regimento de X., apparecendo ao fim da tarde no logar do combate, não decidisse a contenda a favor dos inimigos de Hespanha, ficando prisioneiros os coronel Mascaraque e os restos do seu regimento, que sobreviveram a tão dura campanha.

Mudos e cabisbaixos caminhavam aquella noite os heroicos soldados hespanhoes; não pelo temor de perder miseravelmente as suas vidas, coisa facilissima n'aquella guerra sem treguas, pois em tempo as offereceram no sagrado juramento de defender a patria, nem tão pouco pela vergonha de ficarem vencidos, que a sua derrota pelejando por espaço de cinco horas em campo aberto contra um inimigo dez vezes mais numeroso, bem podia comparar-se á mais brilhante das victorias. A sua dôr era motivada pela inacção forçosa que os condemnava a não seguirem a lucha contra os invasores, e por isso e só por isso choravam a liberdade de que estavam privados.

No meio da noite chegou á povoação a columna franceza que conduzia os prisioneiros. N'aquelle ponto haviam deixado no dia anterior os dois regimentos de cavallaria, que travaram combate com as forças do coronel Mascaraque, uma secção dos mesmos a modo de destacamento, e a ella pensavam confiar os prisioneiros, emquanto o nucleo das forças livrava os arredores dos guerrilheiros hespanhoes.

Mas qual foi a surpresa do chefe francez quando, ao chegar á povoação, não viu signaes do destacamento que alli deixou, nem sequer uma sentinella!

Irritado, encaminhou se para a praça da povoação com intenção de castigar severamente aquella falta de vigilancia, mas ao chegar alli deteve-se cheio



S. ULPIANO, MARTYR

de espanto, vendo á pallida claridade da lua balancearem-se cinco cadaveres de outros tantos officiaes francezes, pendurados por umas cordas aos ferros da varanda da casa da camara!

E' impossivel descrever o furor do chefe da columna franceza. Blasphemias, juramentos horriveis, sahiam em tropel da sua condemnada bocca, e cego de colera mandou chamar á sua presença o administrador da povoação que veio atado como um criminoso e mais arrastado do que levado por quatro soldados.

—Quem fez isto?—gritou o francez, apontando para os cinco cadaveres dos seus officiaes.

—Foi a guerrilha do «Seminarista»—respondeu o administrador com um sangue frio verdadeiramente heroico, pois não podia ter illusões acerca da sorte que o esperava.—Esta madrugada penetrou na povoação e passou á bayoneta todo o destacamento.

—Traidores!—exclamou o chefe francez. A' manhã, apenas desponte o

dia—acrescentou dirigindo-se ao seu ajudante—serão fusilados todos os prisioneiros o o administrador. Entretanto ficam aqui encerrados—e apontou para o edificio da camara—com guardas á vista. E vocês, rapazes, os que estão de folga—proseguiu dirigindo-se aos soldados francezes—divirtam-se, porque a cidade é nossa.

O administrador empallideceu, não de medo, mas de colera. Por experiencia sabia ao que os francezes chamavam divertir-se e estremeceu de ira ao imaginar os horrores que n'aquella noite commetteriam na cidade os sicarios de Napoleão.

III

Decididamente—dizia pouco depois o coronel Mascaraque, dirigindo-se aos seus officiaes e soldados amarrados e encerrados com elle no pateo do edificio da camara sob a guarda de uns vinte soldados francezes, commandados por um official—é chegada a nossa hora.

—Assim parece—respondeu o administrador, que tambem amarrado perto do coronel ouviu as suas palavras,—pois, a não ser que Deus faça um milagre, d'aqui a pouco estamos no outro mundo. E isto não é o peor, o que ma custa é que esses excommungados francezes, nem sequer nos deixam ter a consolação de morrer como christãos; pois como todos elles são uns cães, querem que como taes nós morramos.

As palavras do administrador impressionaram dolorosamente o coronel Mascaraque e os seus officiaes e soldados. A ideia da eternidade appareceu de repente ante a sua vista e todos pensavam nas contas que em breve teriam de dar, e bem estreitas, da sua vida ao juiz supremo.

—E' triste—disse por ultimo o coronel Mascaraque—abandonar o mundo d'esta maneira. Mas enfim, não é nossa a culpa, e creio que Deus Nosso Senhor terá isto em conta para nos julgar benignamente.

—Isso creio eu tambem—respondeu o

administrador, veneravel ancão, cuja phisionomia tomou uma expressão quasi patriarchal, tal era a serenidade que se reflectia no seu rosto—mas será bom que façamos um exame de consciencia, o mais escrupuloso possível, e uma vez feito, excitemo-nos á dôr de ter offendido a Deus por ser a elle a quem temos o firme proposito de nos confessarmos e de nos encommendarmos a Nosso Senhor Jesus Christo, por intermedio de sua Santissima Mãe, para fazer o milagre de nos livrar d'esta horrivel morte.

Os rostos denegridos de todos aquelles veteranos encheram-se de lagrimas ao ouvir as palavras do administrador; commovidos por um presentimento protrahiram-se de joelhos, as suas mãos atadas como que se ergueram para o céo, e durante longo tempo, a julgar pelo movimento de seus labios e pelo rumor confuso que sahia de suas gargantas, conhecia-se que oravam.

O coronel Mascaraque era um dos mais commovidos. Seguindo o conselho do administrador começou a examinar a sua consciencia, e de repente, sem se poder conter, lançou um prolongado gemido.

—Que é isso, irmão?—lhe disse o administrador.—Encontrou no fundo do seu coração algum sapo gordo que lhe rói as entranhas?

—Ai de mim!—exclamou Mascaraque.—Um e bem gordo me está a mortificar a alma. Imagine o snr. . .

—Alto! snr. coronel! Repare que eu não sou seu confessor—disse o administrador, interrompendo-o.

—Não importa, não importa—replacou o coronel. Já que não posso confessar-me a um sacerdote, quero accusar-me publicamente d'este peccado. Imagine que por minha culpa e estimulado por um falso caso de honra fiz retardar alguns annos a carreira a um companheiro, porque não quiz faltar ás leis divinas e humanas batendo-se em duello. Pobre tenente Salazar! Recordam-se, senhores?—acrescentou Mascaraque dirigindo-se a dois dos officiaes que se encontravam perto d'elle.

—Sim, recordamo-nos!—replacaram estes.—E a nós tambem nos toca parte d'essa culpa, pois, apesar de ser um bello companheiro, contribuimos com o nosso voto para a sua expulsão do exercito.

—Seja tudo por Deus!—exclamou o administrador. Foi grande esse peccado, mas já que os snrs. estão arrependidos e supponho que com o desejo de reparar o mal que causaram e o escandalo que dêram, recommendemol-o a Nosso Senhor Jesus Christo, que não quer a morte do peccador, mas que se converta e viva.

—Se podessemos repararíamos esse

mal—contestaram em côro o coronel e os officiaes.—Mas o peor é que não o podemos fazer.

—Quem sabe!—respondeu o alcaide, que ha uns momentos fixava a vista para a parede do pateo do edificio que dava para o campo como se tivesse escutado um rumor só por elle percebido.

Faltavam duas ou tres horas para amanhecer. No exterior havia cessado o estrepito da soldadesca franceza entregue ao saque e á orgia, na qual tomou parte a sentinella de fóra do pateo onde estavam os prisioneiros, a julgar pelo ruido de copos e garrafas que durante algum tempo ouviram os captivos. As quatro sentinellas que guardavam estes de vista dormitavam, envoltos nos seus capotes, nos quatro angulos do pateo. De repente ouviu-se um tenue assobio no silencio da noite. O administrador levantou se como impellido por um presentimento, e segredou ao coronel:

—O «Seminarista!»—Por Deus, coronel! Diga aos seus soldados para que falem alto, pois, ou muito me engano, ou o milagre de que ha pouco fallavamos está em via de realisação.

O coronel fez o que aquelle funcionario lhe aconselhou, e o ruido das conversas dos soldados abafou outro mais subtil que se fazia cá de fóra, como se se tratasse de escalar os muros. No fim de pouco tempo um corpo deixou-se escorregar para o pateo. Depois uma mão quasi invisivel cortou as ligaduras do administrador, e em seguida as do coronel. O primeiro disse em voz baixa:

—O «Seminarista», não me enganei.

O coronel, menos senhor de si, exclamou quasi em voz alta:

—Meu Deus! quem vejo? Salazar!

—Silencio!—disse o recém-chegado, e seguiu cortando as ligaduras dos soldados.

Durante este intervallo outros vultos iam apparecendo sobre o muro. Quatro gritos abafados romperam o silencio que n'elle reinava.

Os prisioneiros viram que alguém lhes entregava armas e munições; hombros robustos fizeram saltar a porta da improvisada prisão, soaram primeiro alguns tiros soltos, em seguida descargas cerradas, e por ultimo um grito colossal, ensurdecador, de: Viva a Hespanha! Morram os francezes! repercutiu em toda a povoação.

Os francezes, surprehendidos e ebrios, não oppuseram grande resistencia, e o sol do novo dia allumiou o regimento de X. debaixo de fórma e rodeado de cadaveres francezes. Mas não o commandava o coronel Mascaraque.

O seu chefe era o «Seminarista»,

acclamado por todos os soldados e por todos os officiaes, e pelo proprio Mascaraque, que quiz começar a obra de reparação que havia offerecido na noite anterior, se Deus lhe salvasse a vida, pondo-se ás ordens do tenente Salazar, a quem, por um falso conceito do pundonor militar, fez expulsar do exercito.

A Irmã de Caridade

NÃO a tendes visto no cumprimento do sagrado dever a que voluntariamente se impôz?... Pois olhae-a, vêde-a, se é que o podeis fazer atravez d'estas linhas que incorrectamente esboçam o seu retrato. Como os purissimos lyrios do valle arqueam suavemente os seus delicados troncos ao debil peso da sua branquissima corôa para receber o beijo da brisa, assim tambem ella inclina a sua purissima fronte para receber o beijo da Providencia, as bençãos de Deus, pela bôcca dos moribundos, cada uma de cujas almas é o degrau d'uma escada celestial que ha de conduzir o seu espirito á mansão dos que foram bons na terra.

O seu semblante, que se torna amarello como os cirios do templo, contrasta com a branca touca que orla a sua fronte; os seus olhos de melancolica expressão estão sempre inclinados para o solo, um dôce sorriso contrae sempre os seus labios, e um accento de infinita bondade retrata fielmente a satisfação e a tranquillidade do justo. Assim, este sêllo caracteristico, unido á invariavel sollicitude carinhosa que a força da sua historica virtude e inquebrantavel fé lhe offerece, distingue este anjo da terra dos demais seres humanos.

Vêde, queridas leitoras, que não tendes presenciado os horrores d'uma batalha, imaginae um campo semeado de cadaveres. . . Continúa a lucta entre os dois exercitos rivaes: aqui, uma granada disparada por aquellas baterias que apenas deixa entrevêr o fumo da polvora, leva a morte ás nutridas filas; um tiro de metralha dizima um batalhão; a fusilaria causa uma mortandade espantosa; o perigo é igual para todos os que n'aquelle momento se põem ao alcance dos cruzados fogos; milhares de projecteis tecem uma rêde terrivelmente destruidora sobre o campo de batalha; mas nada d'isto detem essa mulher. . .

Vêde-a; é quasi uma menina, e anda com passo rapido e seguro por entre os arrojados combatentes; não se lembra de que expõe a sua vida, que uma bala

perfida e traidora pôde pôr fim á sua preciosa existencia.

Este é o lugar do dever, e todo o temor se ha de pospôr á sua missão: como impalpavel nuvem cruza entre o mortífero chumbo que tudo destrõe e anniquilla; corre apressadamente ao descobrir um ferido, e arrostando serena o perigo, que despreza, chega deante da trincheira, desafia o ferro candente que arrojам com rapidez as negras bôccas dos inimigos e cobre e defende com o seu casto corpo o martyr da patria.

Depois da batalha, quando os que ainda vivos respiram confundidos entre os mortos, quando já as negras sombras da noite succederam aos ultimos raios do sol, apenas cessou a renhida lucta, ou uma tregua permite dar sepultura aos martyres do dever, aquella santa mulher corre ao campo, cura os feridos e infunde animo no espirito ao levar junto com a fé christã a consolação da caridade ao heroico coração do soldado...

Ao lado do valente que expoz a sua vida em defeza da patria, ou mesmo junto ao que, victima de larga e penosa enfermidade, jaz prostrado no leito, vela o anjo da terra: acompanha o enfermo, e no meio da pena que o embarga e fatiga, suavisa a sua acerba dôr e mitiga a sua amargura esta enviada do céo que lhe falla de Deus, d'esse Deus que mais além nos espera, se para elle se voltam os nossos olhares impetrando o perdão de nossas culpas, perdão que jámais pôde negar em sua infinita misericordia...

No hospital e no combate!

E nada mais?

Nunca tendes visitado uma casa de maternidade? Não tendes admirado o carinho, o solicito interesse e amor maternal que se reflecte n'aquelles anjos que só cuidam dos outros anjos que não são seus filhos?

Ah! Mas ainda está por significar outro dos casos em que a santa caridade envia os seus celestiaes emissarios para que velem pela humanidade que soffre e não a abandona!

A epidemia, causando estragos horriveis, levando a morte ao seio da familia, onde se vêem desaparecer um após outro os que estavam unidos por tão estreitos laços!

A epidemia assoladora que leva o espanto ao seio dos povos, que deixa atraz de si mais ruinas que o furacão que arranca as arvores do solo, que faz abandonar os lares e espalha o luto e o terror por onde passa! Esse terrivel monstro que tantas victimas ha immolado á sua insaciavel ambição, que tantos seres tem feito desaparecer em suas negras e horrorosas fauces!

Em taes momentos de horror, deso-

lação e ruinas, tanto no hospital, como ao lado das creanças, como antes e depois do combate, impassivel, alheia ao perigo, com o seu eterno e dôce sorriso, a Irmã da Caridade, curvada no leito, despreza o contagio da espantosa enfermidade que invadiu aquelle corpo de que todos fogem.

Ella não teme a morte, não... Nos justos não se abriga o temor ao deixar este mundo de miserias e paixões; mas sim no ambicioso, no poderoso e no soberbo, porque a morte lhes faz recordar que allí cessou o seu poder.

Bemdita sejas, heroina ignorada!

Bemdita seja, arrojo da terra!

S. Camillo de Lellis

I

Preludios d'uma festa

A minha sobrinha Nazareth.

MANHÃ ardente de julho... O sol ao despontar beijando as altas collinas e os bronzeos sinos do campanario, aquecia a terra inteira, envolvendo tudo n'um manto alegre e sorridente, sim, mas atrophiante, calorifero...

Os vegetaes á porfia, enebriavam-se doidamente recebendo do astro rei os raios quentissimos que lhes sugavam as gotas crystalinas do orvalho e faziam reviver n'um enlevo poetico e benigno o seu pollen exquisito.

Os rouxinoes atroavam os ares com variadissimas canções, ensinando ao homem a louvar o seu Creador, e a agradecer-lhe a benevolencia de mais um dia de vida, e o começo do trabalho.

E no alto campanario, casando-se com a musica dos pintasilgos, rouxinoes e mil avesinhas diversas, lá estava o grande sino com o seu dlan... dlan... dlan..., chamando os fieis á oração, a assistirem ao Santo Sacrificio. N'esse instante um foguete subiu aos ares; despertou a attenção de todos aquelles bravos christãos, que ao som das bombas soltaram em unisono côro uns ahs! ahs! prolongados, entusiastas, interpretes da maior admiração e alegria.

E não era a primeira vez que elles percebiam a ascensão dos foguetes ou ouviam o rumor das bombas! Todos os annos, n'aquelle mesmo dia e seguinte, era até muito vulgar aquelle facto na aldeia. Podera!... Pois se festejavam o seu orago!

Mas n'aquelle anno, era com mais pompa e luzimento. O santo, o seu predilecto S. Camillo de Lellis, tinha um andor novamente doirado, e com enfeites vindos expressamente da cidade para adornal-o com soberba e galhar-

dia. Muitos estandartes, muitos andores (todos os santos que se veneravam na egreja), muitos anjos, etc., etc.

A vista d'estes elementos festivaes, como não seria vistosa e surprehendente a procissão? Philarmonicas duas, emquanto que nos annos anteriores uma só chegava para toda a festa.

Já o disse; n'esse anno faziam tudo com mais apparato e maior luzimento, um luxo nunca visto na aldeia.

A subscripção tirada em todo o povo para o engrandecimento da festividade, attingira a uma cifra muito regular. Só o senhor morgado dera cinco mil reis, não contando com o emprestimo das alfaias e outros objectos que serviam para aformosear o templo, já de si tão bello.

Por isso todos andavam contentes e estonteciam ao continuo som das bombas que rebentavam no ar. Via-se o rapazio fogaz e doidejante n'um redopio continuo, já procurando as cannas dos foguetes que subiam continuamente, já varrendo o adro, ou acarretando diferentes coizas para a egreja.

E nos montes a encantadora flauta do pastor fazia ouvir as suas melodias suaves e joviaes, embalando os cordeiros e ovelhas que se espreguiçavam indolentemente ás sombras das oliveiras e castanheiros.

Tudo alegria!

Durante o dia, nada houve digno de especial menção, mais do que o afan e accinte verdadeiramente catholicos de todos os membros da confraria que porfiavam qual d'elles mais trabalharia nas diferentes occupações que o reverendo parochio lhes tinha distribuido, e que elles desempenhavam conscienciosamente, alegremente.

Ao meio dia e á noite, por espaço de uma hora, repetiram-se as salvas e os foguetes.

Chegou emfim a primeira philarmónica. O gaudio d'aquella gente não teve limites; bellos, soberbos e contentissimos lá vão diante dos vinte musicos, ao som de um harmonioso passo dobrado, percorrendo as ruas todas.

Os rapazes, que pulavam na frente, moviam os dedos sobre um pau qualquer que apanhavam no caminho e cuja pontã mettiam na bocca, querendo assim imitar os clarinetistas.

Santa gente! Sublimes encantos! Virginaes instinctos d'uma familia catholica, submissa e crente!

Finda a volta a todo o povoado, os musicos foram distribuidos por diferentes casas, com ordem de se juntarem ás oito horas, para irem tocar no adro.

Não tentarei descrever os encantos e delicias de uma noite d'arraial pasada entre gente christã, verdadeiramente religiosa. As palavras sahiriam a custo dos bicos da penna, e todas

ellas não chegariam para a demonstração pura e verdadeira dos jubilos e alegrias de tão boa gente. Festas tão sympathicas tem o condão de infiltrar-nos na alma arroubos magneticos da simplicidade e nativa candidez da vida campestre, desafoguada do bulicio das cidades e dos grandes centros.

Expandese o nosso eu na contemplação entusiasta do viver intimo de quinhentos ou seiscentos seres que uma ideia unica liga, anima e abraça—a festa do seu santo—.

A philarmonica lá ia executando melhor ou peor o seu repertorio, sobresaindo sempre mais uns solos de cornetim que um rapaz de trinta annos bem puxados fazia *redoublar* com facilidade.

—Vês? dizia d'ali um joven moço de casaco de pelles, chapéu alto e varapau na mão; o que toca aquelles trinados que estamos ouvindo, é o muzico que tem uns olhos azues, aquelle rapaz miudo, franzino, e que parece mesmo um tuberculoso. E se nós tambem organisassemos cá na terra uma philarmonica? Ha por ahi tantos rapazes reforçados, verdadeiros Hercules, Titans que faziam a admiração de todas as gentes quando tocassemos n'um qualquer arraial...

—Sem duvida! A' vista d'aquelle *enguias*... ajuntou d'ali um outro mancebo ainda novo, que não pôde concluir a sua ideia.

Sim, sim; á vista d'aquelle *enguias* que todos admiravam e applaudiam phreneticamente, quanto não faria o Jorge, o Joaquim da Silva e muitos outros?!

Uma grande salva de palmas reboou por largo tempo pelo espaço. O tal *enguias*, o dos olhos azues, acabara uma polka brilhante em que fizera quanto estava ao seu alcance, e o povo acclamava-o como um verdadeiro artista.

Passados poucos instantes um ah!... atoador, vibrante e prolongado se fez ouvir de todos os lados. Acabavam de abrir as portas da barraca que davam entrada á *Kermesse*, promovida pelo espaço de dois mezes, em beneficio de S. Camillo; e lá dentro ouviam-se distinctamente maviosos sons de uma outra muzica muito melhor do que a primeira. Mas o que era aquillo, quero dizer aquella muzica? d'onde tinha vindo? quando chegara? de que terra era?

Breve se satisfez a curiosidade d'aquella multidão. Era nem mais nem menos do que uma surpresa do bom vigario; aquella philarmonica era a segunda promettida e annunciada, na qual ninguem pensava já ouvindo no adro a que chegara primeiro e que dera volta á povoação.

Dirigiram-se todos para o *salão* onde estavam artistica e symmetricamente dis-

postos todos os objectos offerecidos a S. Camillo. Uma criança de doze annos sustentava na mão direita, movendo-a de um lado para o outro, uma riquissima estampa que representava a Annunciação da Virgem, obra copiada superficialmente (mas com bastante gosto) d'um quadro de Raphael.

—Quem dá mais de cinco mil e quatrocentos réis? exclamou a gentil menina com a sua voz fresca e suave, imitando naturalmente a harmonia e doçura dos cantos primaverais que se escutam nos campos e valles.

(Continúa.)

J. P. MINEIRO.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Sagração de David

(Vid. pag. 73)

DEPOIS da reprobação de Deus, Saul continuou a conservar o titulo de rei, e para com o povo tinha a mesma auctoridade. Commandou os exercitos, ganhou batalhas, e administrava justiça como chefe do estado. Mas quando estendia os seus dominios e quando civilisava os seus povos acostumando-os ao jugo da realeza, era para outrem que elle trabalhava, visto como seus filhos não lhe haviam de succeder.

Samuel não cessou de o lastimar, mas deixou de ter relações com elle. Um dia que estava pranteando aquelle infeliz principe, disse-lhe o Senhor: «Até quando lamentarás tu, Saul, quando eu já o repudiei, e não quero que elle reine em Israel? Enche d'oleo a haste de boi que tens na mão, e vae á casa d'Isai em Bethleem, porque é entre os seus filhos que eu escolhi um rei.»

Samuel respondeu-lhe: «Como hei-de eu ir? Saul pôde sabel e mandar-me matar.—Olha, respondeu o Senhor, tomarás contigo uma vitella, e dirás: «Vim para offerecer um sacrificio ao Senhor.» Chamarás Isai ao banquete da victima e eu te darei então a conhecer como has de sagrar aquelle que eu te mostrar.»

Quando se soube em Bethleem que Samuel estava a chegar áquella cidade, ficaram os anciãos muito surprehendidos; porque desde a sua abdicção o propheta poucas vezes apparecia em publico. Foram esperal-o e perguntaram qual era o objecto da sua vinda inesperada. «Vim, disse-lhes elle, para sacrificar ao Senhor. Purificae-vos e vinde commigo para eu offerecer a victima.» Ao mesmo tempo deu ordem a Isai e aos seus filhos de se purificarem, e convidou-os a tomarem parte no sacrificio.

Quando entraram, Samuel poz os olhos em Eliab, primogenito da familia, dizendo entre si: «Será este o que o Senhor escolheu para ser sagrado?» Mas o Eterno respondeu-lhe immediatamente: «Não repares nem no rosto, nem na belleza da estatura, porque eu não julgo das cousas á maneira dos homens que só vêem o exterior. Por mim, leio no intimo do coração, e declaro-te que não é esse que eu escolhi.»

Isai chamou então Abinadab, depois Samma e assim successivamente fez comparecer diante do propheta os seus sete filhos. Depois de os ter examinado todos com attenção, declarou Samuel que Deus não escolhera nenhum d'elles. Depois perguntou a Isai: «São estes todos os teus filhos?»—Ainda tenho outro, respondeu o feliz pae, mas tem menos de vinte annos, e agora anda no campo a guardar os rebanhos.—Manda-o chamar, continuou o propheta, porque não iremos para a meza sem que elle venha.»

Mandou pois Isai chamal-o e apresentou-o a Samuel. O adolescente chamava-se David; não era tão avantajado em estatura como os irmãos, tinha o cabello ruivo, mas era formoso de rosto e de gentil presença. Assim que appareceu, disse o Senhor para Samuel: «Este é o que eu escolhi para reinar em lugar de Saul, levanta-te e unge-o.» O propheta levantou-se e com o oleo que trazia sagrou-o no meio de seus irmãos, recomendendo a todos elles que guardassim o maximo segredo a tal respeito.

*
* *

S. Ulpiano, Martyr

(Vid. pag. 81)

Sobre este santo diz o Padre João Croiset, no *Anno Christão*:

Se carecessemos de provas positivas que patenteassem d'um modo authentico e irrefragavel a sublime divindade da religião de Jesus Christo, bastaria, para nos convencermos da sua origem santa e da sua eterna verdade, recorrer ás primeiras paginas da sua historia. Nenhuma religião, nenhuma philosophia, nenhuma eschola, embora tenha tido sectarios, jamais logrou inspirar, aos que professassem as suas doutrinas, esse altissimo sentimento do martyrio, essa sublime abnegação de sellar com o seu sangue a verdade das suas opinões. Isto explica-se perfectamente. O desejo de morrer por Jesus Christo, nasce da intima convicção que se apodera do animo d'aquelle que estuda o Evangelho. As verdades eternas, que alimenta, dão á alma a força da convicção, e inspiram sentimentos generosos. D'aqui vem o ser a religião

christã a unica que produz heroes e martyres. Todas as demais seitas alimentadas pelo erro, não despertam grandes ideias, porque lhes faltam os motivos para a convicção.

As actas do martyrio de Santo Ulpiano justificam a nossa asserção. Nascido em Tiro e educado no seio da religião do Crucificado, desenvolveu um grande zelo na defeza do nome de Jesus Christo, e praticou tantas virtudes quantas cria a sua doutrina. Animado com o grande exemplo de Santo Afano e outros companheiros, que sofreram gostosos o martyrio na cidade de Cesaréa, apresentou-se espontaneamente ao juiz Urbano, e, na sua presença, confessou com excellente humildade e com tranquillo valor, que era christão e que desejava alcançar a dita de dar a vida pelo nome do Divino Mestre. O juiz Urbano, persuadido da esterilidade das suas tentativas para dissuadir o nosso joven Santo, ordenou que fosse lentamente desconjunctado, e cosido depois dentro em um sacco com um cão e um aspide, e assim o arremessem ao mar. Esta horrivel providencia foi executada sem dilação, e no martyrio demonstrou Santo Ulpiano a fortaleza invencivel dos discipulos de Jesus Christo. O seu transito glorioso verificou-se no dia 3 d'abril do anno de 304.

RETROSPECTO

Candidatura catholica por Barcellos

Alguns cavalheiros de Barcellos offeceram ao snr. Bispo de Himeria, e s. ex.^a rev.^{ma} acceitou, a sua candidatura a deputado por Barcellos.

A candidatura do venerando Prelado, como elle mesmo declarou, é catholica, independente e local.

Bastaria o facto de se tratar d'uma candidatura catholica, para que nós pedissemos a todos os catholicos de Barcellos que votassem n'ella. Mas, além de ser uma candidatura catholica, o candidato é um Bispo e um Bispo como o snr. D. Antonio Barroso, cheio de serviços á Igreja e á Patria.

Trabalhar pela sua candidatura é o dever de todos os catholicos e especialmente de todo o clero.

A' urna, pois, pelo snr. Bispo de Himeria!

A' urna pelo candidato catholico!

A' urna todos os catholicos, sem distincção de politica, por que se não trata de politica, mas de religião!

Todos unidos, — á urna!

Excentricidade curiosa

Falleceu em Loanda o negociante José Jacintho Ferreira da Cruz, que

deixou varios legados e entre elles 20,5000 réis a cada um dos seus inimigos, com a condição de não irem ao seu enterro, pois que, se o fossem, perdiam o direito ao legado!

Ferreira da Cruz foi um grande negociante e serviu por diversas vezes de vereador e presidente da camara de Loanda.

D. Fr. Bartholomeu dos Martyres e os pobres

Costumavam os arcebispos de Braga mandar ás rainhas as primeiras lampreias que appareciam no anno, e que por isso eram de muita estima na côrte: e para que chegassem bem frescas chamava-se um bom caminheiro, que bem pago as levava a toda a pressa.

Fez-se esta advertencia ao arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres no primeiro janeiro que esteve em Braga, o qual, como quem acceitava o conselho, mandou procurar caminheiro e indagar quanto levaria e qual seria o custo das lampreias; sabendo a importancia, chamou o seu esmoler e deu-lhe ordem que repartisse essa quantia pelos pobres, dizendo que a rainha tinha rendas para mandar comprar lampreias, e tinha virtude para não achar sabor nas que lhe fossem de Braga á custa dos pobres.

As vaidades do mundo

Morreu ha dias miseravelmente, em Chicago, cahindo de inanição na rua, um homem que tinha um nome historico e era aparentado com as primeiras familias da aristocracia prussiana. Chamava-se Ricardo de Sydou, tenente de hussards de Blucher e sahira do exercito em 1862.

Emigrando para a America, exerceu todos os misteres e entre elles o de coronel de artilheria no exercito confederado. N'estes ultimos vinte annos, ganhava difficilmente a vida como entregador de jornaes. Depois chegou a idade e elle viu-se reduzido a estender a mão á caridade publica.

De Sydou era aparentado com Bismarck por parte de sua tia, a princeza Arnim. Era tio e primo dos Puttkamer. Nos seus momentos de bom humôr, gostava de contar pormenores do casamento de Bismarck, a que assistiu como parente e de que guardou sempre as melhores recordações.

Eis o que são as vaidades do mundo!

Justa prohibição

Foi promulgada nos Estados Unidos uma lei, com o fim de reprimir o trafico, entre os estados que compõem a União, de todas e quaesquer publicações obscenas ou objectos de uso immoral, assim como a publicação de cartas ou annuncios indicando onde taes objectos

possam obter-se. A pessoa que expedir ou receber voluntariamente as publicações ou objectos, a que a lei se refere, será punida com multa até 200 libras, ou com prisão até cinco annos, ou com multa e prisão, conforme a determinação do tribunal.

Uma boa resposta!

Um pretendido espirito forte avancara no meio de uma sociedade muitos absurdos para provar que nós não tinhamos alma; como, porém, ninguem lhe respondesse, dirigiu-se a uma senhora e lhe perguntou, com certo ar de triumpho, o que pensava ella da sua philosophia.

— Parece-me que v. ex.^a, lhe respondeu a senhora, tem provado com muita graça que não é mais do que uma besta.

E ficou d'orelha cahida o animalejo!

A rainha Victoria e os seus domesticos

A rainha d'Inglaterra não despreza os humildes.

Os jornaes inglezes informam que sua graciosa magestade mandou levantar uma estatua ao seu laçao escocez João Brown. Ao mesmo tempo dedicolle nas suas memorias quasi um volume.

No anno passado morreu um irmão d'este favorito, tambem domestico da rainha, a qual lhe mandou fazer uns esplendidos funeraes, e acaba de erigir em sua honra uma columna de granito no parque do castello de Balmoral. Esta columna tem a seguinte inscrição: «A' memoria affectuosa de Hugo Brown, domestico escocez da rainha Victoria durante sete annos e oitavo irmão de João Brown, domestico pessoal de sua magestade.»

As funcções d'estes laçaios, que se tornaram agora celebres, consistiam em seguir a cavallo o coche da rainha durante o seu passeio quotidiano.

Um jornalista pagão

A igreja dos rev.^{mos} Padres Jesuitas, situada em Toug-Katon, arrabalde de Shanghai, possui um excellente orgão, fabricado por um frade. Os tubos são de canna da India; o som é d'uma suavidade incomparavel e desconhecida na Europa.

Este bello instrumento, tão proprio para fazer sobresahir a excellencia e a unção penetrante do canto sagrado, maravilhou um jornalista pagão e chinês nas exequias do provincial dos Jesuitas, onde este pagão verteu abundantes lagrimas e escreveu entusiasticamente a favor da Igreja catholica n'um jornal chinês.

Como os nossos jornalistas muito tinham que aprender entre os pagãos!

O caso de Landana

N'uma correspondencia de Benguella, publicada na *Familia Portuguesa*, lê-se:

«Surprehendeu-nos bastante o que lemos nos jornaes da metropole com respeito á missão de Landana; parece impossivel que nós, vivendo na mesma provincia, na propria capital onde existem todas as auctoridades superiores, se não soubesse de taes escandalos, de que o residente de Landana accusa o superior da missão. Não pretendemos defender o Padre Paschoal Campana, mas parece-nos que as noticias dadas pela imprensa são exageradas ou mesmo falsas.

«O Padre Campana é um dos missionarios da congregação do Espirito Santo mais respeitado n'estas paragens, é o prefeito apostolico do Baixo Congo e superior da Congregação.

«Está já nomeada a commissão que ha de vir syndicar dos actos do Padre Campana; por tanto esperemos o resultado da syndicancia, porque de certo se ha de apurar a verdade dos factos».

Ora aqui está como se pensa na provincia de Angola ácerca da malfadada questão de Landana.

Conselhos

A 30 de maio de 1741, Bento XIV, n'uma carta-encyclica a todos os Bispos do mundo christão, exprime vivamente a dôr que lhe causava a falta de zelo que via em toda a parte no meio das dispensas indirectas e não motivadas. «A observancia da quaresma, diz o Pontifice, é a alliança da nossa milicia; é por ella que nós nos distinguimos dos inimigos da cruz de Jesus Christo; é por ella que nós desviamos os castigos da divina colera; é por ella que, auxiliados com o soccorro celeste, nos fortificamos contra os principes das trevas. Se esta observancia se afrouxar, é em prejuizo da gloria de Deus, em deshonra da religião catholica, e em perigo das almas christãs e não se deve duvidar que esta negligencia se torna fonte de infelicidades para os povos, de desastres nos negocios publicos e d'infortunios para os particulares.» (Constituição *Non ambigimus*.)

Um acrobata celebre

Morreu o celebre acrobata Blondin, que, entre os americanos, chegou a passar por doudo, quando annunciou que atravessaria as cataractas do Niagara sobre uma corda.

Realisada esta verdadeira proeza, o entusiasmo dos americanos não conheceu limites, e tanto enebriaram Blondin com as suas ovações, que o arrojado equilibrista chegou a projectar uma outra proeza ainda mais temeraria: levar o principe de Galles, pela mesma corda e no mesmo sitio em que

atravessara as cataractas do Niagara.

Blondin propoz este seu projecto ao herdeiro do throno do Gran-Bretanha; mas este, surprehendido sem duvida de um tal esquecimento da etiqueta, recusou tanta gloria, com bastante sentimento dos americanos.

A cidade de Granada e Santo Antonio de Padua

A devoção ao nosso thaumaturgo Santo Antonio é cada vez maior em Granada. N'uma das ultimas semanas foram encontradas na caixa das esmolos algumas notas de 10\$000 reis e na semana seguinte acharam-se notas de 20\$000 reis.

As esmolos offerecidas ao Santo são repartidas pelos pobres da localidade pelas Conferencias de S. Vicente de Paulo.

A vida de Leão XIII

No anno de 1893 dizia o Summo Pontifice Leão XIII ao seu medico:

—Já vê, doutor, que sou muito velho. Diga-me, pois, com franqueza: quanto tempo lhe parece que posso viver?

—Santissimo Padre, replicou o doutor, se não lhe sobrevier algum incidente imprevisto, pode viver ainda cinco annos.

—Cinco annos! disse Leão XIII; bravo! E' o mesmo que dizer que chegarei aos oitenta e oito annos; precisamente a idade que em certa occasião me disse um bom frade franciscano que eu havia de morrer. Esta noticia é transcripta da *Revista da Ordem Terceira*, que publicam no Canadá os Padres franciscanos.

O religioso a quem o Papa se referia foi o Frei Antonio Marchi: morto em opinião de santo a 23 de maio de 1891 no collegio franciscano internacional de Santo Antonio, em Roma. E não foi esta, por certo, a unica predição do bom frade. No Pontificado de Pio IX o mesmo Frei Antonio havia predicto que aquelle Papa occuparia a Cad ira de S. Pedro mais de trinta annos.

Quando se realisou a eleição de Leão XIII houve quem dissesse que o novo Pontifice não duraria um anno por causa da sua fraqueza e constituição aparentemente fraca; mas Frei Antonio disse então: «Não ha que temer esses receios; viverá e será Papa vinte annos.

Este prognostico, que, humanamente fallando, parecia inverosimil a quem visse então o successor de Pio IX, está já mui proximo a realisar-se.

Viva, pois, Leão XIII! Viva tantos annos como annunciou o Padre Antonio, e Deus nol o conserve muitos annos mais para sua maior gloria e da Igreja tambem.

Um principe parochiando uma igreja de Londres

O principe Maximiano de Saxonia, que renunciou á corôa do seu paiz para abraçar o estado ecclesiastico, é hoje parcho d'uma igreja catholica pobre de Londres.

O sabio Pasteur

No mausoléo do sabio Pasteur, lê-se este pensamento seu:

«Feliz de quem pensa em Deus, ideal da belleza, e que lhe obedece como ideal da arte, da sciencia, da patria e das virtudes evangelicas.»

Collegio das missões

O snr. ministro da guerra, attendendo ao que lhe representou o superior do collegio das missões ultramarinas, concedeu licença a diferentes soldados, alumnos d'aquelle collegio, para tomarem ordens sacras, dispensando a remessa dos documentos exigidos por lei, por terem fé as participações emanadas d'aquelle collegio.

Sempre coisas serias!

Algumas pessoas dizem: «Quem póde ler sempre coisas serias?»

A isto responde-se que não se deve lêr sempre; tudo teve seu tempo; o que lê demasiado, pensa pouco, esquenta a sua cabeça e não retém nada do que é preciso. A muita leitura forma sabios á violenta e enche a cabeça de constantes nevoas. Pode-se lêr para outros alguma coisa que entretenha e edifique, mas o ler coisas frivolas e perigosas, nunca póde trazer utilidade alguma.

Torre gigante

Os inglezes, invejosos por os francezes construírem a torre Eiffel, principiaram a fazer o anno passado uma torre em Nembly Park, cuja altura excede 300 metros.

Mas os americanos, não querendo ficar inferiores aos subditos da rainha Victoria, resolveram levantar nas margens do lago Michigan uma torre metallica mais alta que a dos francezes e dos inglezes.

Terá 346 metros de altura e custará uns 800:000 dollars, ou seja reis 800:000,5000.

Os planos são do engenheiro Proctor, de Chicago, e os trabalhos inauguraram-se hão brevemente.

A torre terá quatro andares, o primeiro dos quaes poderá conter vinte mil pessoas. Quando estiver terminada, quatro andares e os elevadores poderá supportar quarenta mil pessoas.

Errata

Na pag. 71 d'este vol. do *Progresso Catholico*, col. 3.ª, art. «A confissão de Danton», onde se lê *minorista*, deve lêr-se *minorita* que quer dizer frade monor ou franciscano.